

A FORÇA TRANSFORMADORA DA NARRATIVA EM PAUL RICOEUR: ENFRENTAMENTO DO “ANALFABETISMO” EXISTENCIAL-CULTURAL

THE TRANSFORMATIVE FORCE OF PAUL RICOEUR'S NARRATIVE: CONFRONTING EXISTENTIAL-CULTURAL “ILLITERACY”

Jefferson da Silva¹
Marcius Tadeu Maciel Nahur²

Resumo: O presente artigo busca discutir a questão da narrativa no pensamento de Paul Ricoeur (1913-2005) e seu poder transformador na identidade de um sujeito e, conseqüentemente, da cultura em que habita. Procurando refletir a respeito das narrativas, capazes de compor, de forma significativa, elementos heterogêneos das ações dos homens e da cultura, é possível acompanhar como tais elementos podem colaborar para a transformação de uma sociedade. É incentivando a reflexão e a leitura que se pretende realizar um movimento contrário a certo analfabetismo existencial-cultural. As artes, as grandes obras literárias e o estímulo do desenvolvimento cultural parecem, cada vez mais, distantes de uma sociedade que vem dando prioridade para o tecnicismo e as informações desencontradas. As obras encontram-se aí para serem apreendidas, lidas e relidas, para uma possível transformação cultural, mas é necessário um empenho de todos nessa transformação, e é o que se propõe refletir com esse trabalho, baseando-se em pesquisa bibliográfica, na argumentação e na reflexão.

Palavras-chave: Narrativa. Ação. Identidade. Educação. Cultura.

Abstract: This article discusses the question of narrative in Paul Ricoeur's thought (1913-2005) and its transforming power in the identity of a subject and, consequently, of the culture in which he lives. Seeking to reflect on narratives, capable of meaningfully composing heterogeneous elements of men's actions and culture, it is possible to follow how such elements can contribute to the transformation of a society. It is by encouraging reflection and reading that a movement that is contrary to certain existential-cultural illiteracy is intended. The arts, the great literary works and the stimulation of cultural development seem increasingly distant from a society that comes from giving priority to technicalism and mismatched information. The works are there to be apprehended, read and reread, for a possible cultural transformation, but it is necessary a commitment of all in this transformation, and it is what is proposed to reflect with this work, based on bibliographical research, on the argumentation and in the reflection.

Keywords: Narrative. Action. Identity. Education. Culture.

¹ Doutorado em Filosofia pela PUC-SP, professor do Centro Universitário Salesiano de São – Unidade Lorena e da Faculdade Canção Nova – Cachoeira Paulista/SP; Endereço eletrônico: je.filos@hotmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2671-4621>

² Mestre em Direito pelo Centro Universitário Salesiano de São Paulo – Unisal – Lorena/SP. Professor do Unisal (Lorena/ SP) e da Faculdade Canção Nova (Cachoeira Paulista/SP). Endereço eletrônico: macielnahur@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8729-9719>

Introdução

É possível acompanhar, nesses tempos, as tentativas constantes de presença e avanço, ainda mais pujante, do sistema econômico-financeiro que defende a liberdade de mercado, entre os países centrais e periféricos, e, ainda, a mínima participação do Estado. Para que tal expansão aconteça, além das transações entre as elites, é necessário que as massas, os técnicos e outros tantos de desempregados estejam prontos e habilitados para manutenção de tal sistema. À primeira vista, essa empreitada não parece ser um problema nem uma questão a ser resolvida, pois nada melhor do que buscar estímulos para economia e a diminuição do desemprego em todo país. No entanto, não é com a mesma intensidade que se busca recurso ou conhecimento para outras áreas imprescindíveis também para o crescimento e manutenção de uma sociedade, como a educação e cultura. Não tem sido possível acompanhar o estímulo a essas áreas com o mesmo ritmo e vigor; ao contrário, o que se percebe são discussões periféricas a respeito de armamento ou não armamento entre outros assuntos. Parece que a educação e a cultura, nebulosamente falando, atravessa um analfabetismo cultural sem precedentes, pois as escolas sucateadas pela falta de investimento, tanto em estrutura, quanto em seus educadores, já não conseguem estimular o desenvolvimento do conhecimento e muito menos o senso crítico. É voltando os olhos para este triste cenário, ainda tentando manter o mínimo de esperança, que este artigo busca refletir, partindo de Paul Ricoeur, a respeito das narrativas e seu poder transformador na ressignificação da existência de sujeitos passivos, oferecendo-lhes oportunidades de se tornarem capazes de modificarem seu próprio mundo. O texto, abordando a respeito da identidade e a questão da narrativa, pretende demonstrar que um sujeito não se encontra determinado pelas circunstâncias e nem pelos sistemas. Mesmo que o sistema tente mantê-los no estado de menoridade, aproximando-se das narrativas, sejam elas filosóficas, históricas, literárias, entre outras, é possível que uma pessoa possa ir ressignificando sua vida e o mundo em que habita, sem necessariamente ser tutelado por grandes empresários que querem a manutenção do estado de coisas tal como ele está estruturado. Isso não significa um discurso que deseja a revolta do proletariado, mas, ao contrário, o que se propõe discutir, nesse artigo, é a importância e o estímulo da educação e cultura que possibilite enxergar outros horizontes da existência para além do apenas viver para produzir e consumir.

O artigo, dividido em quatro seções, partindo de Paul Ricoeur, no primeiro momento, discute a respeito da identidade e sua aproximação da narrativa. Na sequência, trata do poder da leitura na transformação da educação e da cultura. Na etapa seguinte, analisa o aspecto da relação entre narrativa e ação, na perspectiva de suas possibilidades educativas positivas. E, por fim, aborda a importância das narrativas filosóficas e poéticas, para a ressignificação da vida de um sujeito, inserido num contexto de mundo que parece pronto, mas que pode ser transformado por esse mesmo sujeito que não se rende a qualquer sistema que o aprisione num “analfabetismo existencial-cultural”.

1. As narrativas e o sujeito reflexivo: a busca pela afirmação da identidade

A hermenêutica de Paul Ricoeur deve ser lida a partir da relação dialética que se estabelece entre o si mesmo e o outro, entre a identidade e a diferença. Para ele, “descobrir-se como um si mesmo é simultaneamente aceitar-se como irremediavelmente um outro.” (HENRIQUES, 2005, p. 19). Significa dizer que a expressão linguística da identidade é inseparável de uma inserção na história e na cultura. Ao inserir-se na história e na cultura, a identidade desvela sua dimensão ética, e, ao mesmo tempo, mostra que a criatividade humana pode descobrir diferentes maneiras de tornar o mundo mais habitável. Em cada obra humana, pode-se estabelecer uma unidade entre o sujeito que age e o mundo, ainda que esta unidade não seja plenamente totalizável pelo sujeito. Não se deixa de reconhecer, contudo, que o sujeito não é soberano na sua relação com o outro, pois o outro sempre lhe escapa. De qualquer modo, isso não significa a desistência da opção ética de agir, construtivamente, para a transformação do outro e do mundo. Nesse sentido, a linguagem e a imaginação são essenciais para a construção da experiência humana de constituição do mundo. Em outras palavras, o mundo e o ser humano são um projeto em construção. O ser humano e o mundo são um poder-ser. Mas, o que os textos têm com o ser humano e mundo? Por meio dos textos, os valores da existência humana e o mundo, continuamente, são reconstruídos. Neles, o leitor é confrontado com novas e criativas possibilidades de poder-ser no mundo, reaprendendo e redescobrimo o sentido de sua própria vida, ao estimar a si mesmo como outro eu e ao outro como a si mesmo. Mas, será que cada um de nós não será incomodado em seu eu, se quiser permanecer atento às novas formas de conflitos e projetar os traços novos da própria ação? Parece não haver outro jeito, senão tomar parte nos ‘gemidos da

criação' e depositar esperança numa leitura atenta, numa narrativa repleta de sentido e seguir para uma ação inovadora (RICOEUR, 1990, p. 72). E esse processo não é possível sem o sujeito reflexivo. A identidade narrativa é possibilidade de identificação do sujeito, que acontece por meio do discurso, quando ele é apto a falar de si mesmo e dos outros como sujeitos capazes de ação. Por isso, em sentido ricoeuriano, narrar consiste no processo de falar de fatos, pessoas e relações, mediante a construção de um enredo, isto é, de uma trama de significações que interrelacione, de maneira dialógica, seus componentes e estructure uma ordem razoável de atos. Assim, os textos assumem importância crucial no processo de busca de uma alteridade educativa.

As observações de Paul Ricoeur sobre a leitura e a compreensão de um texto propõem uma nova configuração ao problema hermenêutico, pois um discurso se efetua e se realiza como texto (RICOEUR, 1990, p. 17). Nesse sentido, toda obra tem caráter simbólico. Na realidade, o pensador francês esteve sempre aberto a várias teorias, reconhecendo em cada uma delas um tanto de grandeza, mas também suas inevitáveis limitações. Fenomenologia, psicanálise, literatura, história, teologia, entre outras, são teorias que influenciaram e, ainda, seguem influenciando as sociedades. E, para ele, a seara em que se entrecruzam essas grandes teorias é a linguagem, haja vista que por meio dela se imbricam várias interpretações. Mais precisamente, na ótica de Paul Ricoeur, é através da linguagem, em forma simbólica, que se encontra o elemento comum entre as várias interpretações. A propósito, ele não deixa de apresentar o conceito de símbolo, assim dizendo: “Chamo de símbolo toda estrutura de significação em que um sentido direto, primário, literal, designa, por acréscimo, outro sentido indireto, figurado, que só pode ser apreendido pelo primeiro.” (RICOEUR, 1978, p. 15). A importância do símbolo é, pois, de especial largueza, porque é ele que “faz pensar”, fazendo com que o ser humano mergulhe nas obras, nos monumentos, nas instituições que dizem de si mesmos. Esse mergulho leva à indagação fundamental sobre quem é esse sujeito que está agindo no mundo e o quanto ele está inserido nesse mesmo mundo.

Paul Ricoeur se vê como alguém que segue a linha da filosofia reflexiva. Para ele, o problema que esse tipo de filosofar apresenta é a possibilidade de compreensão de si como sujeito de conhecimento e de vontade, de apreciação e operação, entre outras. Essa filosofia envolve diferentes tipos de pensamento sobre o *cogito*. Na visão de Paul Ricoeur, não há uma ou mesmo a filosofia do sujeito, mas sim estilo reflexivo sobre esse cogito. Há o *cogito* socrático (cuidar-se de se conhecer), agostiniano (a alma e o conhecimento das coisas exteriores e das verdades eternas), cartesiano (o eu que pensa e

logo existe), kantiano (o eu penso deve acompanhar todas as representações de si) ou fichteano (o eu que se autopõe). A fim de não cair nessa problemática tradicional do cogito, então, ele irá propor uma nova concepção de "reflexão", que se tornará, doravante, "a apropriação de nosso esforço de existir e de nosso desejo de ser através das obras que testemunham esse esforço e esse desejo." (RICOEUR, 1989, p. 21). É por isso que uma hermenêutica adequada passa pela exigência metódica de apropriação do sujeito prático capaz de buscar um desvio pelos signos mediadores da objetividade, na medida em que "o cogito só pode ser reapropriado segundo uma via longa, um desvio pelos signos." (RICOEUR, 1989, p.25). O sujeito ricoeuriano se distingue do eu, do ego, da consciência; é o "si" reflexivo de todas as pessoas. Para Paul Ricoeur, a posição do "si" não é um dado, mas uma tarefa ética e hermenêutica. Essa tarefa compreende uma reflexão ontológica preparada por considerações linguísticas, semânticas e hermenêuticas, mediada pelos outros, pelos textos, pelos símbolos, sinais e signos do mundo, constituindo-se um existente que se desvela, gradativamente, pela exegese de sua própria vida. Afinal, o que se saberia de amor e ódio, de tantos outros sentimentos, se não fossem retratados, por exemplo, pela linguagem literária. O eu se sustenta como primeiro postulado, como verdade subjetiva. Mas, a partir daí, é preciso buscar a fonte de sentido fora de si mesmo, percorrendo as obras da cultura que o objetivam. Para Paul Ricoeur, a reflexão precisa passar por um alentado esforço exegético em oposição ao imediatismo introspectivo, uma vez que a hermenêutica é entendida como uma reflexão mediada, vale dizer, a compreensão de si somente acontece pelo retorno da compreensão do outro. Assim, a hermenêutica é uma busca de compreensão das coisas a ser alcançada perpassada pelas diversas obras da cultura. Significa dizer que "o sujeito da filosofia reflexiva se compreende melhor através do seu esforço de existir e do seu desejo de ser mediado pelos signos, símbolos e textos [...]." (SILVA, 2018, p. 26). Esse sujeito da filosofia reflexiva só pode se compreender e compreender o sentido das coisas, da vida mesmo, na medida em que sabe que pertence ao mundo, mas também é capaz, ao mesmo tempo, de se distanciar desse mundo. Na realidade, a interpretação é uma categoria do texto, a arte de compreender os "sinais" culturais pela articulação do explicar e do compreender. O explicar e o compreender também convocam as categorias de distanciação, mundo do texto, objetivação e apropriação. A distanciação é fundamental para o fenômeno da escrita, porque é condição de toda e qualquer interpretação, tendo papel complementar entre a objetivação e a interpretação. O mundo do texto é uma categoria central na obra e tem como função hermenêutica revelar a

“estrutura da obra” e revelar “uma proposta de mundo”. (RICOEUR, 1989, p. 201). A objetivação se faz pela estrutura da obra, como a distanciação se faz pela escrita da obra. Compreender a escrita da obra é compreender a linguagem mediadora do texto entre um si e o outro – autor e leitor – para atingir a objetividade da obra. A objetivação se compreende pelas referências de um texto, que podem ser as multifacetárias manifestações da cultura. Cabe a esse “si mesmo” seguir as etapas de explicação e compreensão, no entanto, sem proceder, de maneira egoísta, na construção ou reconstrução de outro texto, pois compreender é se compreender como leitor (intérprete, exegeta de texto), para se apropriar, então, de uma proposta de mundo, o que significa “apropriação pela distância, compreensão à distância” (RICOEUR, 1989, p. 123). Portanto, apropriação e distanciação são condições de compreensão de qualquer obra, sem perder de vista a função de mediação do sentido, o momento em que se pode revelar a contribuição do autor, a função humanizadora, inscrita nas obras de cultura pela compreensão da linguagem nelas articulada. A questão da objetivação requer apropriação e distanciação na elaboração de obras ou textos, o que é de fundamental importância, embora não seja nem um pouco fácil na prática, haja vista que nada garante uma apropriação devida e real das coisas, e nem sempre se tem assegurado um mínimo de distanciamento em relação ao autor ou ao tema tratado. São os riscos solipsitas que precisam ser identificados e bem equilibrados pelo sujeito reflexivo. Mas, os textos estão lançados no mundo à espera de apropriação por parte de sujeitos que não desistem de refletir. E o distanciamento somente pode ocorrer quando o “sujeito mergulha em obras, como os textos, que podem dizer para si e reconfigurar o mundo.” (SILVA, 2018, p. 33). É possível perceber, por exemplo, o rumo que uma obra toma quando prima por clareza e rigor ou quando contempla apenas sua singularidade. Mas, é fundamental mostrar que, em qualquer obra, há implicações profundas estabelecidas entre a palavra e a ação, de tal maneira que é, precisamente, esse entrelaçamento entre uma e outra que se manifesta como uma refiguração da ação do texto e da sua interpretação. Essa interpenetração entre palavra e ação permite revelar, ainda, o leitor e/ou intérprete de um texto, assim como ajuda o imaginário criador a manter o sentido objetivo de uma escrita.

2. A educação pela cultura: do universo dos textos à ação da leitura

Na obra de Paul Ricoeur, o imaginário é abordado sob a luz da teoria geral do imaginário social, que possibilita tecer as implicações heurísticas e revelar a força da imaginação criadora nas ficções, como resultado do esforço de se ‘reescrever’ a realidade. Pode-se compreender o sentido de toda ação, porque toda ação exige uma objetividade. Desse modo, compreende-se um texto quando há revelação das estruturas profundas, das relações e da autonomia, que se caracterizam como os momentos objetivos de uma obra. São essas referências que conduzem à compreensão e apreensão do sentido, uma vez que elas revelam o mundo do texto, do sujeito e de sua subjetividade, esta aqui entendida como fator de abertura para o mundo no mundo da ação.

Assim, não se trata de perceber a intenção subjetiva do autor do texto, mas o novo mundo que se abre ao leitor no processo de sua interpretação, enquanto obra de cultura objetivada. No processo de leitura, o mundo do texto é apropriado pelo leitor, que reconstrói o seu próprio mundo a partir da leitura de um texto que lhe era bem estranho. O leitor penetra no mundo do texto para compreendê-lo e, nesta mesma leitura compreensiva, compreende melhor a si mesmo e ao contexto social em que vive. Paul Ricoeur reformula a relação entre explicação e compreensão. Para ele, a explicação é imprescindível para a compreensão do discurso, sempre marcado pela precariedade, finitude e falibilidade do gênero humano. A compreensão passa, necessariamente, pela explicação. E a explicação, por sua vez, é bem sucedida quando faz com que o leitor-intérprete compreenda o texto que lê e seja capaz de captar o sentido do mundo que lhe está sendo sugerido pelo texto. Somente assim o texto se abre e revela ao leitor o seu sentido oculto (TARRICONE, 2011, p. 5). O texto se transforma em paradigma da ação humana e se endereça ao leitor-intérprete, com a possibilidade de elaboração novos textos, instituindo a dinâmica de um processo criativo cíclico, constituído pelo trinômio ação-texto-ação. Seguindo a reflexão filosófica de Paul Ricoeur, no que diz a respeito à questão daquela tríplice *mimesis*, busca-se relacionar a noção de narrativa e as ações dos homens, ou melhor, buscará refletir sobre como as ficções literárias de certa forma partem das ações dos homens e retornam a elas. Esse contínuo “processo virtuoso” de configuração textual “deixa seu rastro”, “imprime sua marca”, quando “contribui para a emergência de tais configurações, que se tornam os documentos da ação humana” (RICOEUR, 1989, p. 196). A leitura do texto propicia uma interação entre o leitor e o

mundo do texto. Na leitura do texto, o sujeito pode viver a libertadora experiência de tornar-se consciente de si mesmo e de suas possibilidades de ação transformadora. O modelo da tríplice *mímesis* poderá tornar mais clara a relação entre o leitor de uma obra, o conhecimento de si como momento hermenêutico, baseado na reflexão, a partir do texto, e as possibilidades de refiguração que emergem de tal exercício hermenêutico em si. Existe uma dimensão prático-hermenêutica no exercício da leitura, capaz de afetar a compreensão do si mesmo, tal como se observa nos dizeres de Robert Piercey, a partir dos comentários de Paul Ricoeur entre o mundo do texto e o mundo do leitor, na obra “Tempo e Narrativa III”: “O efeito mais notável que as narrativas têm na realidade é mudar quem as lê; e elas mudam leitores ao mostrar algo aos leitores, revelando algo que pode ter passado despercebido antes do texto ser lido.”³ (PIERCEY, 2010, p. 290). Robert Piercey cita como exemplo Hamlet, de William Shakespeare, de modo que o si-mesmo não somente observa, passivamente, como o príncipe se defronta com a morte, mas também como a realidade da possibilidade da morte é ou pode ser experienciada pelo próprio “si-mesmo”. Não obstante Paul Ricoeur postule uma etapa de objetivação das ações, para que a analogia com o texto escrito seja mais apropriada, ele comenta que as ações significativas podem ser percebidas e compreendidas através do processo de interação e esse é o nível semântico em que vários filósofos da ação operam, tais como, G.E.M. Anscombe (2000), em “Intention”, ou Richard Taylor (1996), em “Action and Purpose”, quando se trata de busca de conexões de ações significativas, tanto em termos de relações entre autor e leitor, quanto de interações intratextuais e extratextuais.

Assim, por meio da linguagem, o ser humano se descobre aberto ao outro e ao mundo, tornando-se fundamental, então, duvidar da própria consciência, especialmente, porque ela precisa ser reapropriada, haja vista ainda não possuir aquilo que ela é em si mesma.

O fundamental continua sendo a busca incessante de reflexão. Refletir é, por assim dizer, reapropriar o sentido que a realidade convoca para ir além de uma leitura ingênua ou supostamente neutra dessa mesma realidade. E, ao se refletir sobre o caráter emancipatório da educação, é preciso levar em consideração a importância de um possível diálogo entre o próprio processo educativo e a interpretação hermenêutica na

³ “The most noticeable effect that narratives have on reality is to change those who read them; and they change readers by showing readers something, revealing something that may have gone unnoticed before the text was read”.

busca da compreensão do ser humano e do mundo. No âmbito da educação, o trabalho de emancipação das pessoas envolve a saída da menoridade (KANT, 1980, p. 5). Por vezes, ele encontra seu maior obstáculo na consciência ingênua, alienada de suas próprias falhas. Esse tipo de consciência desavisada acaba cooperando, de maneira preocupante, para reforçar um deformado senso comum, isto é, aquele conhecimento distorcido, fragmentado e equivocado da realidade, que, não raras vezes, vem embalado por emotivismos, sensacionalismos e recursos apelativos na sociedade contemporânea. É como leitor-intérprete que o homem, suspendendo sua capacidade finita de compreender, entregando-se ao ato de leitura, abre-se à proposta de mundo projetada pela composição narrativa. Através do mundo do texto, é possível encontrar várias significações que podem mudar a ação no mundo. Vale lembrar que o mundo configurado na composição narrativa é *mimesis* das ações dos homens. São essas ações que remetem a motivos que explicam por que alguém fez ou faz algo. Cuida-se de ações que têm um agente e que se referem sempre a alguém, a seus atos no mundo, que são imitadas, criativamente, em forma de composição narrativa e, uma vez configuradas, projetam várias significações para aquele que faz a leitura. Por isso, as significações são projetadas da obra confeccionada. Não se trata de algo desligado do mundo, mas, ao contrário, as composições narrativas projetam para seus leitores o mundo da ação, que nasceu da vida dos homens e que retorna ao mundo dos homens pelo ato da leitura. Se uma pessoa que busca um sentido para vida penetrar na composição narrativa através do ato de leitura, pode-se dizer que essa pessoa, mesmo não sabendo qual o assunto ou a história de que trata a composição narrativa, ela ainda consegue encontrar um sentido para sua vida. Assevera-se isso porque a narrativa diz do mundo dos homens, mimetiza as ações dos homens. Por vezes, ela não tinha nenhuma significação para aquele que escreveu, mas, após a sua configuração, ganha certo sentido, agora, encontrando-se disponível para ser assim apropriada por qualquer leitor, que tem a oportunidade de encontrar aí possibilidade de sentido para vida. Mesmo vivendo em dias de constantes mudanças, no turbilhão dos acontecimentos cotidianos, em circunstâncias tão variáveis, percebe-se que, pela composição narrativa, que mimetiza as ações dos homens em forma de composição, dirigindo-se a um leitor ou a vários leitores, esse sentido da vida ainda é um horizonte que pode ser vislumbrado. O que se quer bem demarcar é que, ao se apropriar de uma composição narrativa, por meio da leitura, tem-se aí o encontro com uma “situação” articulada passível de ser apropriada. Assim, encontrar uma composição narrativa que agrada, é um verdadeiro encontro do leitor-intérprete com um possível

sentido para sua vida. A narrativa “torna-se” uma possibilidade para aquele que busca um sentido para sua vida, convertendo-se em um terreno fértil em meio às tantas contingências e instabilidades do cotidiano frenético.

A narrativa na filosofia de Paul Ricoeur, como um processo educativo, parece pertinente, dado que o autor se ocupa com esse horizonte de sentido da vida, que tanto parece perdido para muitos, preocupando-se com aquilo que uma obra pode oferecer para a compreensão do humano ou do mundo que o cerca. Nesse sentido, pode-se dizer que há aqui uma visão educativa que tem foco no eixo emancipatório do sujeito, e, além disso, busca a interpretação para compreender o ser humano contemporâneo numa sociedade em que fatos, valores e normas são diluídos na efemeridade. Outro aspecto relevante para se estabelecer um diálogo fecundo entre a hermenêutica e a educação refere-se ao aspecto da imaginação. Como é dito, “não há ação sem imaginação” (RICOEUR, 1989, p. 223). Pelo poder da imaginação, o mundo do texto se contrapõe ao mundo do leitor e a leitura se traduz, objetivamente, numa fusão do mundo do texto com o mundo do leitor. Esta dimensão dialógica desses “mundos”, na visão do pensador, é sempre mediada pelos textos. E a imaginação é também fundamental na criação/invenção dos conceitos educacionais. Pode-se afirmar, então, que, na esfera da educação, quando não há espaço para a imaginação, acaba-se contribuindo para construções deformantes, para engodos e até violência. Mas, quando se abre espaço para a imaginação operar, as ações para superar questões difíceis e problemáticas são mais fáceis de resolver e, por conseguinte, alcançar resultados positivos. Além disso, a imaginação contribui para embelezar, criar e trazer novas aberturas, instaurar o novo, depositar projeções, sonhos e anseios. Ela permite aos indivíduos uma melhor visão do sentimento de pertença ao lugar e ao grupo, abrindo-lhes a possibilidade de se tornarem parte de um projeto em construção para melhoramento das relações sociais tanto dos já incluídos, quanto daqueles ainda excluídos.

3. Narrativa e ação: possibilidades educativas positivas

Para Ricoeur narrativa e ação estão imbricadas. Porém, levanta-se a pergunta: *Como?* Como ficções literárias falam das ações dos homens e retornam a essas ações? Qual a possível relação entre as narrativas e a vida dos homens?

Refletir sobre narrativa e ações do homem (aquele que age no mundo, que faz escolhas, aquele que está vivendo) não é algo que se passe de imediato, pois uma coisa é

narrar histórias, outra é ir vivendo a vida; são questões distintas. Porém, “a vida tem a ver com a narração” (RICOEUR, 2010a, p. 197). Para ele, à medida que se explicita uma, concomitantemente, vai-se desdobrando o que a outra é. Ao tentar falar sobre a identidade do sujeito ou de uma comunidade, afirma ser necessário responder à questão: Quem faz tal ação? Quem é o seu agente? O filósofo, procurando responder as questões elencadas, toma como referência Hannah Arendt, que diz que responder à questão quem fez tal ação “[...] é contar a história de uma vida. A história contada diz o quem da ação.” (RICOEUR, 2010b, p. 418). A narrativa aparece como mediadora entre a vida e as ações dos homens. Como se diz, “o sujeito se lança para além de sua existência puramente biológica, meramente corporal e ganha ‘representação’, inserindo-se numa história, ganhando uma história.” (GENTIL, 2008, p. 159). Para Paul Ricoeur, a vida dos homens vai para além dos fatos biológicos, pois perpassam pelas histórias narradas e vividas. Afirma o filósofo: “gostaríamos de aplicar à relação entre narrativa e vida a máxima de Sócrates segundo a qual uma vida não examinada não é digna de ser vivida.” (RICOEUR, 2010a, p. 197). As histórias narradas são ações mimetizadas que, uma vez configuradas, ganham certa inteligibilidade e um mundo próprio. Contudo, ainda não fica esclarecido aqui de onde vêm as noções de narrativa e *mimesis* em Paul Ricoeur. É preciso tentar esclarecer as noções mencionadas e, ao mesmo tempo, desenvolver as relações entre a composição narrativa e as ações dos homens. Paul Ricoeur apropria-se do conceito de *mythos* retirado da *Poética* de Aristóteles, assim dizendo:

[...] retenho da *Poética* de Aristóteles seu conceito central de enredo, que se diz em grego *mythos* e que significa ao mesmo tempo fábula (no sentido de uma história imaginária) e enredo (no sentido de uma história bem construída). É esse segundo aspecto do *mythos* de Aristóteles que tomo por orientação; e é desse conceito de enredo que desejo extrair todos os elementos suscetíveis de nos ajudar ulteriormente e reformular a relação entre vida e a narrativa [...]. (RICOEUR, 2010a, p. 198).

Como se pode perceber, o conceito de *mythos* pode ter vários significados, porém, Paul Ricoeur opta por traduzi-lo como enredo, no sentido de uma história bem construída, ou tessitura da intriga, isto é, significa a arte de compor um poema, uma disposição das ações de forma configurada. Trata-se do “agenciamento dos fatos em sistema” (RICOEUR, 2010a, p. 59). O *mythos* realiza a disposição dos fatos, organiza-os dentro da composição. Os fatos agenciados na trama são os atos dos personagens, seu caráter e suas qualidades, que são estruturados e articulados dentro da composição.

Logo, pode-se dizer que a tessitura da intriga para o filósofo é uma operação que procura integrar, dentro de uma composição, vários elementos díspares das ações dos homens. A trama (tessitura da intriga) mimetiza as ações dos homens. Mas, o que é mimetizar?

O termo *mimesis* vem do grego e pode significar tanto imitação quanto representação. Paul Ricoeur prefere o sentido de representação, pois expressa melhor o processo operado pela intriga que trata das ações dos homens em composição. A intriga representa os homens em sua ação. Buscando uma retomada da poética de Aristóteles, assim ele aduz:

[...] a atividade mimética tem agora como campo de exercício a práxis humana [...]. ‘Como aqueles que [...] representam homens em ação, os quais são necessariamente pessoas de mérito ou pessoas medíocres (os caracteres, quase sempre, se resumem a essas duas classes, o vício e a virtude constituindo em todos os homens a diferença do caráter), eles os representam ou melhores do que somos em geral, ou piores, ou ainda parecidos conosco, como fazem os pintores’[...]. (RICOEUR, 1996, p. 331).

Paul Ricoeur, a partir da *Poética*, traduz *mimesis* não por imitação, mas por uma representação das ações dos homens. Ao se apropriar do conceito mimético aristotélico, ele rompe com a concepção metafísica de *mimesis* platônica. Nesse sentido, o filósofo afirma:

[...] deveremos entender o contrário do decalque de um real preexistente e falar de imitação criativa. E, se traduzirmos *mimesis* por representação, não deveremos entender por essa palavra uma duplicação de presença, como ainda se poderia esperar de *mimesis* platônica, e sim o corte que abre o espaço de ficção. O artífice de palavras não produz coisas, produz apenas quase coisas, ele inventa o como-se. (RICOEUR, 2010a, p. 82).

A *mimesis* não é uma imitação direta da realidade ou um decalque de um real preexistente, mas é uma representação criativa através do processo de composição da intriga. Essa fala da realidade e, ao mesmo tempo, recria a realidade de maneira criativa, por meio de variações imaginativas. Para o filósofo, aquele que narra, ao fazer uso das variações imaginativas na tessitura da intriga, representa os personagens melhores, piores ou parecidos com o que são; portanto, em uma composição, não se encontra apenas uma imitação do real, mas uma representação criadora. Além de representar as

ações dos homens, também recria a ação. É como o artesão que não copia as coisas simplesmente, mas constrói um objeto com seu estilo próprio, introduzindo algo novo no mundo.

Segundo Paul Ricoeur, o algo novo construído pela tessitura da intriga se dá pelas variações imaginativas. Na sua ótica, pela imaginação acontece uma espécie de jogo livre, com muitas possibilidades, num estado de não compromisso em relação ao mundo da percepção e é “nesse estado de não compromisso que ensaiamos ideias novas, valores novos, novos modos de estar no mundo [...]” (RICOEUR, 1989, p. 220).

Além de imitar as ações dos homens, a *mimesis* realiza essa imitação de maneira criativa, assim procedendo através da composição linguística. Aqui se pode perguntar: Como se realiza a imitação criadora das ações dos homens na composição?

Para Paul Ricoeur, a *mimesis* produz a disposição dos fatos em sistemas, ordena na composição as representações das ações homens, de tal modo que a “imitação ou representação é uma atividade mimética na medida em que produz algo, ou seja, precisamente o agenciamento dos fatos pela composição da intriga.” (RICOEUR, 2010a, p. 61). Em outras palavras, a atividade mimética, além de imitar criativamente, ordena as ações com certa lógica.

A partir do desenvolvimento das noções de *mythos* e *mimesis*, percebe-se que, em Paul Ricoeur, existe uma equivalência entre essas noções, pois em ambas ocorre certa organização (dinâmica) dos fatos dentro da composição. Ambas tecem a intriga que, ao organizar os fatos, as ações dos homens em certa ordem, também “mimetizam” a realidade, conferindo-lhe coerência. Logo, pode-se afirmar que a tessitura da intriga é a imitação das ações dos homens, ações que são imitadas de modo criativo e são ordenadas com uma forma lógica, uma lógica narrativa, ganhando assim inteligibilidade. É a partir disso que se pode dizer que a narrativa permite pensar, significativamente, as ações dos homens, pois agencia os fatos em forma de sistema, articulando-os de modo inteligível. Nesse sentido, assim é dito:

[...] o enredo tem a capacidade de extrair *uma* história de múltiplos incidentes ou, caso se prefira, de transformar os múltiplos incidentes em uma história; no tocante a isso, um evento é mais do que uma ocorrência, quero dizer algo que simplesmente acontece; é o que contribui para o progresso da narrativa tanto em seu começo quanto em seu fim. (RICOEUR, 2010a, 198).

A narrativa é mais que uma enumeração de fatos que apenas coloca os vários acontecimentos um após o outro, ela agencia os fatos, dando-lhes certa articulação, bem como organiza de modo articulado vários acontecimentos, estabelecendo uma “síntese do heterogêneo”. A síntese do heterogêneo é a reunião organizada da variedade de acontecimentos e episódios da vida dos personagens (ou das pessoas) em uma única história, de modo que os vários acontecimentos se estruturam numa única configuração narrativa, ganhando com isso certo sentido, uma inteligibilidade. A tessitura da intriga realiza a síntese do heterogêneo e a “[...] síntese entre os eventos ou os incidentes múltiplos e a história completa uma e outra.” (RICOEUR, 2010a, p. 198). Assim, a narrativa ordena incidentes variados da vida, colocando-os em histórias e em narrativas.

Percebe-se que, na visão de Paul Ricoeur, as narrativas estão concatenadas, intimamente, com as ações dos homens, pois são construídas pelos acontecimentos da vida, que são aqueles eventos que marcam as ações dos homens no mundo, e envolvem tanto o fazer quanto o sofrer algo. Os acontecimentos, uma vez postos na composição, ganham inteligibilidade com um itinerário bem delineado de início e fim.

Mas, não é só. Há outro elemento importante na composição narrativa, que acompanha a síntese do heterogêneo é a ordenação do tempo. Uma vez que ocorre na composição uma síntese dos mais variados fatos, estes não são ‘amontoados’, ‘ajuntados’ na composição, porém ordenados com certa inteligibilidade dentro de uma ordem temporal. Em outras palavras, as ações dos homens que foram mimetizadas são ordenadas com certa lógica temporal. Nesse sentido, assim é anotado:

[...] por concordância entendo o princípio da ordem que preside ao que Aristóteles chama ‘agenciamentos dos fatos’. Por discordância entendo as reviradas de fortuna que fazem da intriga uma transformação regulada desde uma situação inicial até o fim [...]. (RICOEUR, 1991, p. 169).

A concordância ordena, de forma lógica, os vários acontecimentos, fazendo da intriga uma composição com começo, meio e fim, o que permite compreender a narrativa em sua totalidade. Dessa forma, as ações dos homens ou os elementos heterogêneos postos na narrativa, de forma lógica, operam a concordância sobre a discordância, trazendo a inteligibilidade da obra e certa inteligibilidade às ações.

Este é exatamente um dos elementos que tornam a obra um tipo de saber, um dos meios através dos quais ela produz conhecimento,

recortando da realidade ampla seus elementos mais significativos e encadeando-os numa sequência significativa, oferecendo deles [...] certa inteligibilidade, estabelecendo [...] certa relação específica entre eles[...].(GENTIL, 2004, p. 94).

Assim, a narrativa torna-se um tipo de saber, porque consegue combinar, pela tessitura da intriga, elementos heterogêneos, dando-lhes uma ordenação lógica, ou seja, certa inteligibilidade à obra. Assim, o ato de “compor uma intriga já é fazer surgir o inteligível do acidental, o universal do singular, o necessário ou verossímil do episódico.” (RICOEUR, 2010a, p. 70). A composição narrativa consegue fazer irem juntos elementos discordantes, conferindo-lhes significações e inteligibilidade. Por meio de uma composição narrativa, tem-se a possibilidade de estabelecer uma concordância a partir da discordância. É com a relação entre “discordância concordante” e “concordância discordante” que Paul Ricoeur entende a relação entre a narrativa e o tempo, pois, na composição narrativa, acontece a preponderância da concordância em relação à discordância. Com a narrativa, é possível articular os vários acontecimentos em uma ordem temporal, concatenado as dimensões do passado, do presente e do futuro.

Com a articulação das ações do homem na composição, é possível uma identidade narrativa, ou seja, por meio da narrativa, articulam-se os vários acontecimentos das ações dos homens em uma ordem temporal, sustentando-se uma identidade, mesmo havendo uma variedade de acontecimentos. Por isso, o sujeito se lança para além de sua existência biológica e corporal, articulando seu passado, presente e futuro na composição narrativa. Pela composição narrativa, é possível reconhecer a história de uma vida e se reconhecer, pois o que se configura na composição são as histórias mimetizadas das ações dos homens. Surge aqui uma questão: como é possível reconhecer uma história narrada e se reconhecer a partir das composições narrativas? Levantando esta indagação, retoma-se a questão básica: como as narrativas partem das ações dos homens e retornam a elas?

Nota-se que Paul Ricoeur desenvolveu o termo *mythos e mimesis*, a partir da *Poética* de Aristóteles, e pode-se concluir que existe uma equivalência entre esses termos como operação dinâmica que ocorre na tessitura, ou seja, na tessitura da intriga há uma representação criativa das ações dos homens. Em outras palavras, uma composição narrativa, ao ser elaborada, não parte do nada, mas da própria ação daquele que conta sua história ou conta a história de outros. Narrar uma história é contar a

história de uma vida, é dizer das ações dos homens. (RICOEUR, 2010b, p. 418). Percebe-se que as narrativas partem das ações dos homens, pois, criativamente, imitam essas ações na composição. Porém, para Paul Ricoeur, não basta narrar ou configurar uma história, uma vez que é necessário alguém que a escute, que acompanhe a narração. Sem um “[...] leitor que a acompanhe, não há ato configurante em obra no texto; e sem leitor que se aproprie dele, não há nenhum mundo desdobrado diante do texto.” (RICOEUR, 2010b, p. 280).

É no processo de escuta ou de acompanhamento de uma composição narrativa que acontece o que Paul Ricoeur chama de refiguração. O sujeito, constituído ao mesmo tempo como leitor ou escritor de sua própria história ou da história de outros, ao se apropriar de uma composição narrativa, é capaz de encontrar, nas ações que foram articuladas e ordenadas com certa inteligibilidade e de forma dinâmica, as possibilidades de redescrever sua ação no mundo. Ele pensa a interpretação da linguagem, na linha de uma hermenêutica fenomenológica, que considera a elucidação da linguagem como extensiva para além dos significados dos símbolos, buscando a compreensão de novos objetos: o texto, a metáfora, a narrativa, ação, a história, o imaginário social e a política. A compreensão da realidade, por intermédio da linguagem, exige uma qualidade interpretativa dos seus símbolos e signos que permite o reconhecimento da pertença do ser humano ao mundo, a uma cultura e a uma tradição. Por isso, a semântica do exibido-escondido, das expressões de duplo sentido, constitui-se o elemento que possibilita à hermenêutica elucidar os múltiplos aspectos textuais que permitem acesso à compreensão da existência, da consciência de si mesmo e da alteridade. A hermenêutica perpassa os textos e estende-se à vida na compreensão do sujeito em concomitância com a constituição da ação nos níveis linguístico, prático, narrativo e ético-político.

4. Entre as narrativas filosóficas e poéticas: um reencontro com o sentido da vida

Paul Ricoeur não foi em direção ao saber absoluto, e procurou caminhar pelo conflito das interpretações, abrindo a via da pluralização interpretativa ao realizar uma hermenêutica da fragmentação da realidade, tentando reunir os estilhaços trazidos pela chamada modernidade inacabada ou pós-modernidade. Em sua ótica, a razão não resolveu o desafio do mal, mas nem por isso desistiu de acreditar no triunfo do bem. Essa conquista do bem passa sim pelo conhecimento científico, cada vez mais traduzido

em linguagem científica. Contudo, não cabe o reducionismo cientificista como panaceia para todas as questões do mundo. Vale lembrar que o neopositivistas seguiram aquilo que já escrevera Ludwig Wittgenstein, ou seja, em termos de proposições linguísticas “acerca daquilo de que se não pode falar, tem que se ficar em silêncio.” (WITTGENSTEIN, 1995, p. 142). Eles chegaram a reafirmar que só as proposições experimentais ou fatuais ou científicas é que têm sentido. A proposição daquele pensador levaria os epistemólogos da linguagem a dizerem que tudo aquilo que pode ser conhecido pode ser expresso nas proposições da ciência. Fora dessas elaborações científicas, o que existe não passa de mística, a qual não é exprimível de modo algum.

A experiência literária não é oposta à atividade científica, pois a linguagem filosófica e poética as reúne. Paul Ricoeur tem seus ouvidos abertos para predecessores e contemporâneos. Ele aborda com fidelidade o que o outro pensa e se mantém livre e independente nas objeções. É uma filosofia mediatizada, articulando argumentação e interpretação em busca do justo. O seu propósito é a reconstrução narrativa, filosófico-poética, do sentido pela ‘síntese do heterogêneo’, pela articulação entre unidade e pluralidade (REIS, 2011, p. 246). Mas, ele ainda salienta, em seu pensamento hermenêutico, que o texto só adquire significado quando é interpretado pelo leitor. O leitor é o intérprete do texto. Para ter significação, do ponto de vista filosófico-antropológico, o texto precisa passar pela mediação da leitura. Não há como descartar a leitura. Ela é imprescindível, pois somente pela mediação da leitura é que uma obra literária atinge a completa significação. É o mundo do texto que chama a atenção, e esse mundo traz consigo possibilidades de novas significações. Não é por outra razão que assim se diz:

O texto como uma composição literária escapa da referência imediata, distancia-se da linguagem cotidiana e introduz através da ficção novas possibilidades de ser-no-mundo. É justamente por isso que o mundo do texto é uma possibilidade de distanciamento daquele que já pertence ao mundo. O mundo do texto, através de sua configuração, cria um mundo de significações que nasceram de uma cultura, de uma história e de um conjunto de vivências e, além disso, ele é autônomo, independente do seu autor. (RICOEUR, 1989, p. 184).

Uma vez acabado o texto e lançado no mundo, ela ganha sua independência em relação ao sujeito-autor, e sujeito-leitor, enquanto um destinatário indeterminado, que faz a livre escolha de enveredar por sua narrativa, tem a possibilidade de estabelecer

para si múltiplas e incontroláveis interpretações na busca de sentido da vida. É possível levar essa ação da leitura para o cotidiano educativo, especialmente, para marcar a ideia de quem sem memória e sem história pessoas e sociedades padecem de compreensão de sua identidade e sua cultura, tornando-se menos capazes de ressignificação de suas existências e vivências presentes. Em diálogo com o historiador Reinhart Koselleck, valendo-se de suas categorias denominadas espaço de experiências e horizonte de expectativas, Paul Ricoeur insiste na importância de revisão da tradição histórica, que se faz necessária para “presentificar” as ações que, oriundas do passado, ainda afetam ações e contribuem, decisivamente, para a (re)construção da identidade individual e coletiva. Ele fala da forma contundente de expressar a proximidade com a cultura e a tradição nas quais o sujeito se encontra, destacando as “[...] expressões fixadas pela escrita, mas também por todos os documentos e monumentos que têm um traço fundamental e comum com a escrita.” (RICOEUR, 1989, p. 58). O pensador não faz rodeios ao dizer que a palavra é o seu reino, o que fica bem evidenciado na seguinte passagem:

[...] Como universitário, creio na eficácia da palavra que ensina; como professor de história da filosofia, creio no poder esclarecedor, mesmo para uma política, de uma palavra consagrada a elaborar a nossa memória filosófica; como membro da equipe *Esprit*, creio na eficácia da palavra que retoma, reflexivamente, os temas geradores de uma civilização em marcha; como ouvinte da pregação cristã, creio que a palavra pode mudar o ‘coração’. (RICOEUR, 1968, p. 9).

Paul Ricoeur buscou ouvir e respeitar o argumento de seus adversários intelectuais, não colocando em dúvida o poder e a riqueza da palavra e da linguagem. Era um pensador refratário à intolerância e ao dogmatismo, que nutria firmes convicções no ser humano e na vida, com uma dose significativa de esperança:

[...] haverá sempre uma palavra poética, haverá sempre uma reflexão filosófica sobre essa palavra poética e um pensamento político capaz de reunir a ambas. Dito de outra maneira: a minha esperança está na linguagem. Tenho a esperança de que haja sempre poetas, de que haja sempre pessoas para refletir sobre eles e de que haja pessoas para querer politicamente que essa palavra, que essa filosofia da poesia, produza uma política. Eu diria que a minha aposta tem a figura da esperança. (RICOEUR, 1978, p. 72).

A questão da esperança é sempre recorrente no humano, sobretudo, quando os tempos parecem anunciar um triunfo do mal em relação ao bem, e todo sofrimento que esse mal é capaz de provocar no mundo, diante de suas tantas incidências e múltiplas facetas, tais como, preconceitos, discriminações, desigualdades, ódio, violências, entre outras manifestações que assombram o cotidiano das pessoas. Esses temas constituem desafios éticos recorrentes, provocando pensar a relação entre a *phrónesis* e a *mímesis*, que foi também sinalizada por Paul Ricoeur, e discutida por Peter Kemp, em “Éléments pour uma éthique narrative”, que possibilita compreender que, por exemplo, quando alguém quer transmitir o significado da virtude, ele trata de narrar a história de alguém que personifica tal virtude (KEMP, 1986, p. 215).

Paul Ricoeur é ele mesmo um exemplo de quem coloca em prática a leitura e escava escritos filosóficos, literários, sociológicos, que vão de Agostinho a Virginia Woolf e Marcel Proust, de Max Weber a John Rawls, entre outros, para compreender essa questão. Na realidade, o pensador francês faz todo esse esforço de diálogo e compreensão dos textos, porque acredita na força das narrativas, ou seja, porque deposita esperança na força transformadora da palavra.

Paul Ricoeur prefere mesmo falar, em companhia de Soren Abbye Kierkegaard, de uma “paixão pelo possível”, que traz e carrega o sinal do futuro que a promessa coloca sobre a liberdade. A liberdade é essa capacidade de viver sob a lógica paradoxal da superabundância da vida, apesar da evidência da morte, sob o excesso do sentido sobre o não sentido. O papel de quem acredita em possibilidades educativas positivas não é outro senão afirmar o valor da vida, em tempos sombrios da cultura de morte, e não deixar que o sem sentido colonize o mundo com um niilismo irresistível, de modo que o compromisso com a ressignificação da existência seja a pauta das ações transformadoras do eu, do outro e do mundo que está diante do nós todos. Estimular a aproximação de narrativas seja na escola, na família ou em qualquer outro ambiente de relações pode possibilitar o enfrentamento de uma realidade atual de analfabetismo existencial-cultural, sempre perigoso por colocar uma sociedade em situações de vulnerabilidade e alienação, diante de manipuladores de toda ordem, desde agentes do poder econômico e político, não comprometidos com o incentivo à educação e à cultura, até influenciadores digitais intermitentes, que espalham todo tipo de informações rasas e desqualificadas sobre as coisas que importam mesmo aos outros, porque já não são capazes de serem sujeitos de pensamento, ação e sentimentos que podem ajudar a ressignificação da existência das pessoas no mundo, vale dizer, o sentido de suas vidas.

Conclusão

O presente artigo procurou, em sua trajetória através de algumas obras de Paul Ricoeur, apresentar a importância das narrativas como possibilidade transformadora de uma cultura em que se prolifera um discurso tecnicista, pragmático e conseqüentemente impeditivo do crescimento cultural e da estimulação da educação.

A identidade e as narrativas, embora sejam questões distintas, elas podem ser aproximadas entre si. É se aproximando da narrativa que se torna possível, como um caminho, a transformação e resignificação da identidade, visto que essa última não é um dado pronto e acabado, mas, ao contrário, ela se constitui através de várias mudanças que ocorrem ao longo do tempo. O ser humano, pelas suas escolhas e promessas realizadas, ao longo do tempo, dá possibilidades a si mesmo de construir sua identidade como um sujeito capaz de ser e agir no mundo. É por isso que foi possível afirmar que a identidade não é uma construção realizada por um único sujeito ou por um sujeito desencarnado, mas que desvela sua dimensão ética, ou seja, ela é inseparável de uma inserção na história e na cultura em que se encontra e que vivencia. Isso não significa uma diluição do si em detrimento do outro ou, ainda, uma sobreposição do si no outro, mas é uma aproximação e uma relação, cujo sistema de referências de ambos possibilita uma transformação no modo do sujeito de ser e perceber o mundo e, ao mesmo tempo, uma transformação e orientação da história. É nesse sentido que o sujeito capaz pode tornar o mundo um pouco mais habitável, não somente para si, mas também para outros que precisam conhecer o caráter emancipatório que a educação pode proporcionar. É por isso que foi possível dizer que o sujeito é projeto e pode-ser, de modo que, uma vez aproximado de referências significantes, elas podem colaborar na reorientação do próprio sujeito, tornando-o apto a resignificar a si mesmo e seu próprio mundo. Por isso, mais do que nunca, em uma cultura que não estimula a educação e, muito menos a leitura, é necessário tentar encontrar caminhos e espaços para que as narrativas, os textos e as obras literárias possam fazer sentido para as pessoas e, muitos mais, possam atingir aqueles que sistema mantenedor da desigualdade social prefere mantê-los na minoridade, alimentando suas fortunas e seus poderes.

Parece que estimular a educação e, conseqüentemente, o estímulo da leitura crítica, seja da filosofia, da sociologia, da história, da literatura e outras narrativas, não é projeto prioritário, pois, é inevitável a reflexão sobre a quem interessaria retirar a grande massa de um estado de minoridade, mantendo-a tutelada, acrítica e conduzida,

constantemente, por aquele único pastor que comanda o sistema de dominação. É preferível estimular os produtores que os pensadores, pois produção parece ser sempre melhor do que as críticas. No entanto, mesmo que a educação e o estímulo da leitura estejam longe de serem alcançados, mas ainda tentando sobreviver, com o mínimo de esperança, porém, ainda é possível e necessário conclamar que as narrativas são importantes para a transformação do sujeito e da própria sociedade que guarda aquele chama de esperança de torná-la um pouco mais habitável. Não obstante todas as aberrações que se sucedem uma às outras e os “espetáculos teatrais” realizados pelas mídias sensacionalistas, pelos manipuladores da opinião pública e pelos poderosos do sistema de dominação, ainda é fundamental continuar a incessante busca da reflexão como um caminho para o crescimento, do esclarecimento e da maioridade, pois, como se afirmou, refletir é ter sempre a possibilidade de reapropriar o sentido para além de uma interpretação ingênua de si mesmo e da própria realidade social.

É pelo esforço de ser e o desejo de existir, perpassado pela leitura e interpretação dos símbolos e das obras da cultura, repletas de conteúdos significativos, que sujeito pode compreender a si mesmo como outro eu, num processo dialógico de pensar, agir e sentir o mundo em que se vive, com a chama acesa da esperança de que ainda é tempo para torná-lo um pouco melhor para todos. E esse esforço não é em vão, porque o sujeito capaz de refletir, especialmente, a partir das narrativas religiosas, filosóficas, literárias, históricas, antropológicas, sociológicas, enfim, das obras da cultura, não demora a descobrir que o sem sentido é o que não faz nenhum sentido para si e para o outro. O próprio Paul Ricoeur é um desses pensadores que buscou trilhar esse caminho e seus textos não desmentem o seu exemplo de quem procurou se engajar, o quanto possível, nas práticas de contribuir para tornar o mundo menos hostil e mais habitável para os seres humanos.

Referências

- ASCOMBE, G.E.M. *Intention*. Cambridge: Harvard University Press, 2000.
- HENRIQUES, F. *Filosofia e literatura*. Um percurso hermenêutico com Paul Ricoeur. Porto: Edições Afrontamento, 2005.
- GENTIL, H. S. *Para uma poética da modernidade – uma aproximação à arte do romance em Temps et Récit de Paul Ricoeur*. Loyola: São Paulo, 2004.
- _____. “O que é interpretar? O mundo da ação e o mundo do texto”. In: *Mente, cérebro e filosofia – fundamentos para a compreensão contemporânea da psique*. v. 11, p.16-25, 2008.

- KANT, I. *Resposta à pergunta: “Que é o Iluminismo?”* Trad. de Artur Mourão. Lisboa: Edições 70, 1980.
- KEMP, P. Ethique et narrativité: a propos de l’ouvrage de Paul Ricoeur. Temps et Récit. *Aquinas*, v. 29, a.2, p.211-232,1986.
- PIERCEY, R. Paul Ricoeur in the ethical significance of reading. *Philosophy Today*, Chicago, DePaul University Press, v. 54, n. 3, 2010, p. 290.
- REIS, J. C. *História da consciência histórica ocidental contemporânea*: Hegel, Nietzsche, Ricoeur. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.
- RICOEUR, P. *História e verdade*. Trad. de F. A. Ribeiro. Rio de Janeiro: Companhia Editora Forense, 1968.
- _____. *O conflito das interpretações*: ensaios de hermenêutica. Trad. de Hilton Japiassu. Rio de Janeiro: Imago, 1978.
- _____. *Do texto à ação*: ensaios de hermenêutica. Trad. de Alcino Cartaxo e Maria José Sarabano). Porto-Portugal: Rés-editora, 1989.
- _____. *Interpretação e Ideologias*. Trad. de Milton Japiassu. 4. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1990.
- _____. *O si mesmo como um outro*. Trad. de Lucy Moreira Cesar. Campinas–SP Papyrus, 1991.
- _____. *Tempo e narrativa*. Trad. de Claudia Berliner – revisão da tradução de Márcia Valéria Martínez de Aguiar. São Paulo: Martins Fontes, 2010.v. Ia
- _____. *Tempo e narrativa - O tempo narrado*. Trad. de Claudia Berliner – revisão da tradução de Márcia Valéria Martínez de Aguiar. São Paulo: Martins Fontes, 2010. v. IIIb.
- SILVA, J. *Entre Ricoeur e Freud: você é quem pensa ser? A desapropriação e a reapropriação da consciência*. Curitiba:CRV, 2018.
- TARRICONE, J. A metáfora e o estranhamento. In: XII Congresso Internacional da ABRALIC – Associação Brasileira de Literatura Comparada, 18-22 205 jul. 2011. *Centro, Centros – Ética, Estética*. Curitiba: UFPR – Universidade Federal do Paraná, 2011.
- TAYLOR, R. *Action and Purpose*. Englewood Cliffs: Prentice-Hall, 1996.
- WITTGENSTEIN, L. *Tratado Lógico-Filosófico*. Trad. de M.S. Lourenço. 2. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1995.

Recebido em: 03/11/2020
Aprovado em: 12/03/2020